

VIAJEM AO REINO ENCANTADO DO CORDEL



V614v Viana, Kléisson.

Viagem ao Reino Encantado do Cordel / Kléisson Viana e Arlene Holanda; ilustração de Maercio Siqueira.- Fortaleza: Tupynanquim, 2019.

40p.:il.

ISBN 978-85-85103-02-6

1.Poesia-cordel. 2. Literatura brasileira. I. Holanda, Arlene.
II. Siqueira, Maercio. III. Título.

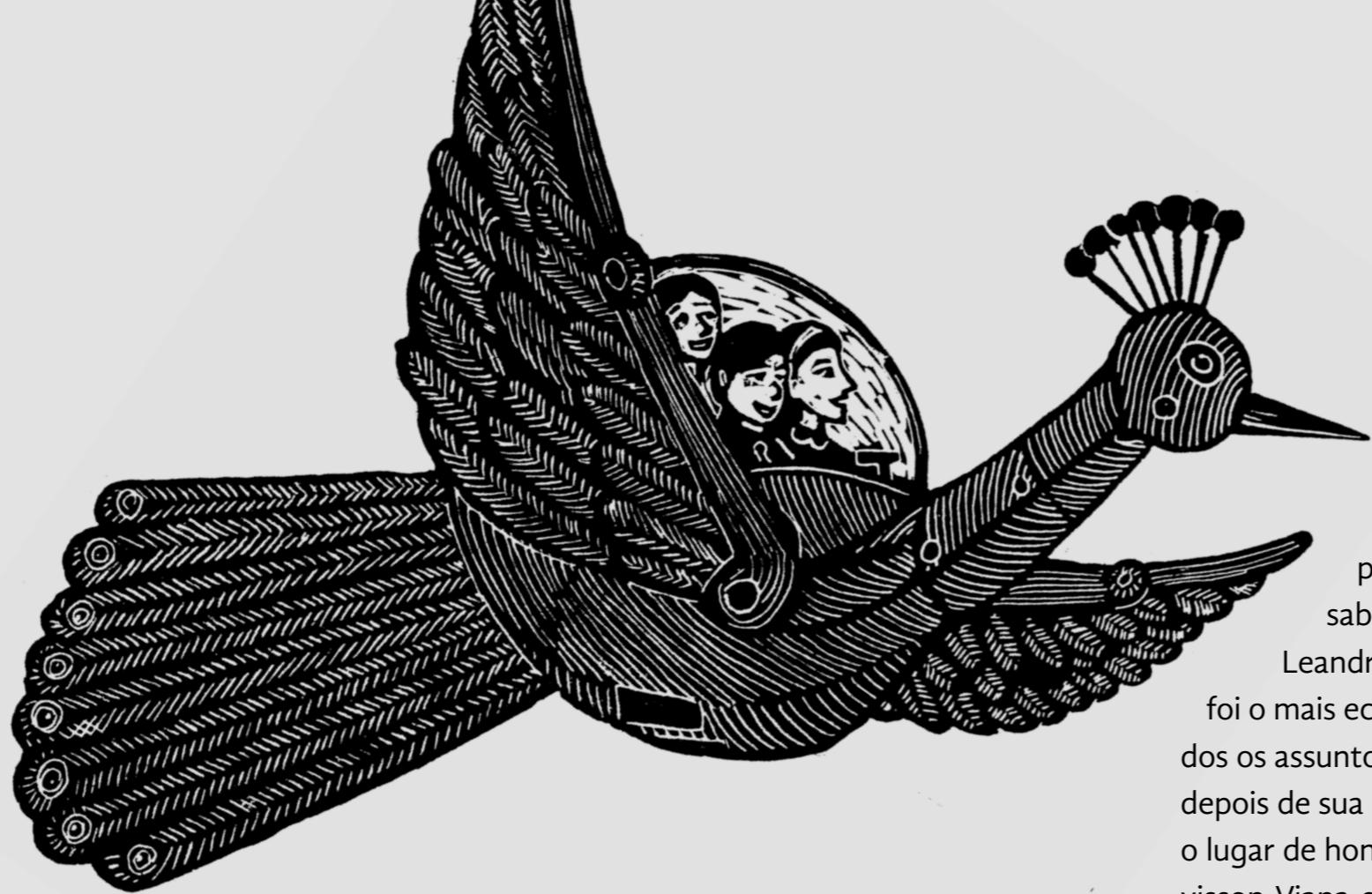
CDU 821.134.3 (81) - 1



**AOS NOSSOS PAIS QUE NOS
APRESENTARAM O MARAVILHOSO
MUNDO DESSAS HISTÓRIAS**

**AOS MESTRES DO PASSADO
SEMPRE PRESENTES, QUE
PAVIMENTARAM ESSE CAMINHO
QUE HOJE PALMILHAMOS**





NAS ASAS DO PAVÃO MISTERIOSO

A história secular do cordel no Brasil tem a ver com a aventura editorial de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), paraibano que foi o maior dos pioneiros no gênero, ainda que, sabidamente, não tenha sido o primeiro rapsodo do Nordeste.

Leandro, conforme atesta, entre outros, Luís da Câmara Cascudo, foi o mais eclético dos cordelistas, transitando com desenvoltura por todos os assuntos, temas e gêneros, criando enredos que, mais de cem anos depois de sua morte, continuam a ser lidos e a inspirar outros autores. Daí o lugar de honra que lhe reservam os autores deste belo livro infantil, Klévisson Viana e Arlene Holanda. O fio condutor da história, no entanto, é criação de outro gênio, José Camelo de Melo Resende (1885-1964), poeta da segunda geração, que, com seu Romance do Pavão Misterioso, deu à literatura de cordel o seu símbolo mais poderoso.

E é o Pavão Misterioso que nos transporta por esse mundo encantado, em companhia dos protagonistas Kahlil, Maria e Miguel, revisitando cenários e personagens de uma saga constantemente escrita e reescrita. A caixa mágica, que se transforma na ave de metal, é, ela mesma, uma metáfora de outra caixa igualmente mágica: a mala do folhetinho, que em seu bojo conserva todo um universo de histórias cuja origem, difícil de precisar, mergulha no nosso passado mítico. É o cordel, enquanto poesia bárdica, que Klévisson, Arlene e seus pequenos protagonistas nos apresentam nessa encantadora viagem.

Do escuro dessa noite, como cantou Ednardo, o Pavão segue com sua aura de mistério nutrindo imaginações e sonhos desde 1923. Boa viagem!

Marco Haurélio



Lá na Fazenda Ouro Preto
(Na pronúncia de vovó),
Porém, para a matutada,
Era “Toco Preto” só,
Começa nossa aventura
Nas brenhas, no cafundó.

Três crianças bem peraltas
Miguel, Kahlil e Maria
São personagens do enredo
No mundo da fantasia,
Porque onde tem criança
Tem brincadeira e magia.

A vovó Alzira tinha
Uma malinha guardada,
Cheia de cordéis antigos.
Certo dia, a meninada
Descobriu esse tesouro
Com muita história encantada.

Tinha o verso de João Grilo,
Um amarelo sabido,
Cancão de Fogo também,
Outro sujeito instruído,
Igualmente a Malasartes,
Que não dava um nó perdido.

A Donzela Teodora,
Cheia de sabedoria,
Juvenal e o Dragão
(Aventura e fantasia)
E a vida de Pedro Cem,
Toda contada em poesia.



Tinha Evangelista e Creusa
Viajando num Pavão
Misterioso, fantástico!
Com aventura e emoção,
Uma história que encanta
Geração pós geração.

No alpendre da fazenda
Ou até mesmo na sala,
Vovó recitava textos
Empostando bem a fala
E o Pavão Misterioso
Fazia parte da mala.

Cada criança presente
Ficava sempre contente
E o Pavão Misterioso
Agradava toda a gente
E os netinhos pediam:
“Vovó, leia novamente!”



O vovô Manoel Lima,
Um cidadão exemplar,
Era dono da bodega
Mais sortida do lugar.
Seu armazém era um mundo
Digno de se admirar.

Tinha secos e molhados,
Guaru, cocada e merenda,
Perfumaria em geral,
Martelo e chave de fenda,
Tecidos pra fazer roupas
Que chamavam de fazenda.

Tinha a famosa zinebra
Que o camponês dava dez,
Tinha até bijuterias,
Miçangas, cordão e anéis
E o caderno dos fiados
Para os fregueses fiéis.

Um baleiro giratório,
A balança Filizola,
Caneta, lápis, papel
Pra menino ir pra escola
E tinha até “aprágata”
De couro curtido ou sola.

Tinha papel de embrulho
Que não se vê mais na feira,
Tinha pirulito Zorro
Que a meninada inteira
Gostava dessa iguaria
Duma fábrica, a Campineira.

Caramelos de montão
Feitos na fábrica Embaré,
O povo dos “Quelemente”
Lobo, Cordeiro e Maré
Tinha acesso a tudo isso
Na bodega do Mané.

O prédio bem construído
Tinha três portas na frente
E uma porta lateral,
Onde seu Manoel urgente
Entrava para atender
Um freguês mais insistente.

As sacas de cereais
Ficavam ao pé do balcão
Feito por bom marceneiro
O melhor da região.
Seu Manoel dava conta,
Mesmo com pouca instrução.

Nos fundos da mercearia
Ficava um grande armazém.
Ali tudo tinha um pouco,
Não era um shopping, porém,
Pra uma venda do sertão
Tinha tudo o que convém.

Seu Manoel no comércio
Nunca quis saber de sócio.
O Salim, um velho turco,
Esperto e nada beócio,
Era um dos fornecedores
Do sertanejo negócio.



Vez por outra aparecia
Com os burros carregados
De toda quinquilharia,
Serrotes, pregos, machados...
Panelas, botijas, malas,
Tudo em novos ou usados.

Nesse dia, seu Salim
Vinha na burra castanha,
Desapeou bem ligeiro,
Chegou em ânsia tamanha
De fazer qualquer negócio,
Cheio de lábia e de manha.

Tão logo chegou à venda
Com sua mercadoria,
Disse: — Bom-dia, Manoel!
Trago de muita valia
Coisas boas que vieram
Da minha amada Turquia.

Disse seu Manoel brincando:
— Quanto você quer por tudo?
Disse Salim: — Para o amigo
Já calculei, fiz estudo:
Eu quero 600 réis,
Lhe digo e não fico mudo.

Fez seu Manoel proposta
Em clima de euforia,
Muito abaixo do esperado,
Pois não pensava que iria
Fectar negócio com o turco
Naquela mercadoria.

Lhe pago 200 réis,
Do seu valor é um terço...
Ao que o turco respondeu:
— É menos do que mereço,
Mas eu aceito a proposta,
Concordando com seu preço.

Seu Manoel, que era um homem
Que a palavra cumpria,
Pensou: "Eu estou lascado,
Mas já disse que queria
Não posso roer a corda —
Fico com a mercadoria".

Quando seu Manoel pagou,
O turco feliz sorriu,
Botou a grana no bolso,
Logo após se despediu.
Na sua burra castanha,
Com seu comboio partiu.



Manoel sequer olhou
As compras que ao turco fez,
Viajou pra Canindé,
Ficou por lá quase um mês.
Na sua ausência algo novo
Deu-se ali, vejam vocês.

Miguel, Maria e Kahlil,
Seus netos “do coração”,
Brincando no armazém,
Viram um pequeno caixão
Que tinha do lado esquerdo
Um curioso botão.

Com muito esforço levaram
Para o oitão da cozinha,
Explorando aquele achado
Para ver o que continha,
Olharam o dispositivo
Que no dito caixão tinha.

Essa caixa de madeira
Veio na mercadoria
Do velho Salim, o turco,
E os meninos, com alegria,
Apertaram o tal “biloto”
Pra ver o que acontecia.

Quando apertaram o botão
Tomaram um susto tremendo:
Igualmente a um transformer
A caixa foi se mexendo,
Abrindo, tomando forma
De um maquinismo estupendo.

Era um lindo aeroplano
No formato de um pavão.
Tinha a cauda como um leque,
Com alavanca e direção.
Pras crianças, nessa hora
Foi grande admiração.

— Que brinquedo mais legal! —
Disse o pequeno Kahlil.
Maria foi logo entrando,
Miguel aos dois aderiu.
Apertaram um dispositivo
E o pássaro lento subiu...

Ficaram então abismados
Com aquela prenda notória
De um Pavão-aeroplano,
Igualzinho ao da história
Que a sua avó contava
E eles tinham de memória.

Quando os três se acomodaram
No estranho aeroplano
Ouviram uma saudação
Que anunciava um plano:
— Vamos viver aventuras
No céu, terra e oceano.

Sejam bem-vindas, crianças,
A esse alado corcel!
Fiquem atentas, preparadas,
Peguem lápis e papel;
Vamos conhecer o Reino
Encantado do Cordel.





Os três gritaram contentes:

— Mas que avião “maneiro”!
E o Pavão continuou
Voando bem altaneiro,
Informando aos tripulantes
Seu encantado roteiro:

— Minha história já conhecem,
Sei que sua avó contou.
Eu “nasci” lá na Turquia,
Um rapaz me encomendou.
Quando ele casou com Creusa,
Minha missão terminou.

Creusa e Evangelista
Viveram seu amor belo,
O destino, antes cruel,
Se tornou um caramelo,
E aos poucos fui ficando
Esquecido no castelo.

Disfarçado nessa caixa,
Sem ninguém imaginar
Dos meus poderes secretos
De pelos ares voar,
Na esperança de um dia
A minha sorte mudar.

Perdi a conta dos anos
Dessa espera de agonia,
Mas um dia uma criada,
Que vantagem em tudo via,
Me vendeu pra seu Salim,
Um mercador da Turquia.



Atravessei oceanos
Fui parar no armazém
Do seu avô Manoel,
Que grande coração tem.
Então, vocês me acharam
E o dia começou bem.

Continuando o roteiro
Dessa viagem encantada,
Um reino muito distante
É nossa próxima parada:
É lá que vive uma fera
Monstruosa e desalmada.

Nesse instante os três meninos
Tiveram um pouco de medo:
Do valente Juvenal
Já conheciam o segredo,
Mas ver tudo de verdade
Mudava todo o enredo.

O Pavão logo tratou
De mandar uma mensagem:
— Vocês estão protegidos
Pela minha fuselagem.
Podem ficar descansados
E apreciar a paisagem.

Sobrevoaram aldeias
Com carneiros e pastores,
Castelos e pradarias,
Todas bordadas de flores.
As três crianças estavam
Encantadas com tais cores.

Logo viram uma montanha
De tamanho sem igual.
Lá no alto uma caverna
De boca descomunal
E presenciam a luta
Do valente Juvenal.

Viram quando esse mancebo
Lutou com muita bravura
E, ajudado por seus cães,
Venceu feroz criatura
Livrando a linda princesa
De sinistra sepultura.

Miguel, Maria e Kallil
Aplaudiram Juvenal,
Mas o melhor da história
Aconteceu no final
Quando o nosso herói entrou
Para a família real.





Agora vamos partir
Em oposta direção,
Lá para o reino de Túnis,
Para uma grande atração,
Onde a sábia Teodora
Nos ensina uma lição.

E perguntou às crianças:
— Vocês conhecem a história
De uma donzela escrava
Que conquistou ouro e glória,
Desafiando três sábios
Com sua incrível memória?

— Conhecemos, sim senhor! —
Falarão em coro os três.
O Pavão pousou no pátio
E então chegou a vez
De assistirem ao duelo
Sem senão e sem talvez.

Perguntaram: — Qual a coisa
Que pode ser mais ligeira?
Ela disse: — O pensamento,
Que voa de tal maneira
Que vai ao cabo do mundo
Num momento que se queira.

O sábio admirou-se
Da resposta da donzela
Continuando o duelo,
Que era vencido por ela;
Quem não era convidado
Espiava da janela.

E bolou uma pergunta
Pra derrotar Teodora:
— Qual o animal que anda
— Falou nessa mesma hora —
Com quatro, dois e três pés?
Me responda sem demora.

A Donzela respondeu:
— O homem é esse animal!
Quando bebê engatinha
De quatro pés afinal,
Depois anda com dois pés
E com três pés no final.

— Pois precisa da bengala
Para seu passo amparar,
As suas pernas cansadas
Não consegue comandar.
Pronta estou pra responder
O que o senhor perguntar.

Nesse momento os presentes
Muito aplaudiram a donzela.
O salão tava lotado
Para assistir à querela.
O rei pensava consigo:
“Eu caí numa esparrela”.

Quando a Donzela por fim
Derrotou os oponentes,
Miguel, Kallil e Maria
Ficaram muito contentes
E partiram no Pavão
Pra destinos diferentes.

Os meninos perguntaram:
— Onde nós vamos agora?
E o Pavão lhes respondeu
— Nesse instante, sem demora,
Vamos conhecer João Grilo,
Um cabra muito “da hora”.

Com seus “primos” Malasartes,
João Leso e Cancão de Fogo,
Dá nó em pingo de chuva,
Cura galinha de gogo,
Astucioso e ladino,
Desmascara demagogo.

Aprontou com o vigário,
O bispo e o sacristão,
Com o dono da padaria
Fez lambança de montão,
Botou o rei no seu bolso —
Eita Grilo sabichão!

Quando o ladino monarca
Perguntou pra lhe enganar:
— Onde é o meio do mundo?
Respondeu, sem vacilar:
— Como o mundo é bem redondo,
O meio é qualquer lugar.

— Ora, ora! Viva o Grilo!
Eita amarelo danado! —
Gritaram as três crianças,
Achando tudo engraçado.
O passeio no Pavão
Era maneiro e irado!

Essa viagem encantada
Parecia não ter fim
Nas asas desse Pavão
Da caixa que o tal Salim
Vendeu ao vô Manoel,
Coisa de magia, enfim.

No Reino do Vai-não-torna,
Tomaram torrada e chá;
Com o bicho Manjaléu
Viram um moço duclar,
Embarcaram na missão
Com o bravo príncipe Oscar.

Vaqueiro misterioso,
Boi encantado, princesa,
Nada ficou esquecido,
Muita magia e beleza,
Palácios, encantarias
Do reino da natureza.

Foram ao céu ver a chegada
Do temido Lampião,
Encontraram Mariquinha,
Cheia de amor e paixão,
Torceram para o valente
José de Sousa Leão.

O Reino da Pedra Fina
Foi por eles visitado,
Também o príncipe Lagarto
E muito bicho encantado,
Boi, cavalo e papagaio —
Tudo ficou registrado.



Depois de tanta aventura,
Os três quiseram saber:
— Como nascem essas histórias?
Quem começou a escrever
Esses versos de cordel
Que a gente gosta de ler?

O Pavão disse: — Preciso
Consultar os meus arquivos,
Pois muitos desses autores
Não são do mundo dos vivos,
Mas os enredos que contam
São deveras atrativos.

As histórias que conhecem
Recontadas no cordel
São mais antigas que livros
De trovador, menestrel
Que brilham para alegrar
E adoçar feito mel.

Estão no verso do cego,
No jongo, na cantoria,
Na ciranda, no reisado,
São contadas todo dia
Pela mãe que embala o filho
De noite na calmaria.

Adoça a tarde no alpendre,
O pouso do comboieiro,
Agrada a tarde da feira
Sobre a tenda do vendeiro,
Encanta homem e menino
Por esse Brasil inteiro.





Os primeiros que rimaram
Essas antigas histórias
Foram botando “seus pontos”,
Aumentando suas glórias
E elas foram repassadas
Nos folhetos, nas memórias.

Esses livretos surrados
Eram festa no sertão,
Relidos e recontados,
Passavam de mão em mão,
Perpetuando as histórias
Para cada geração.

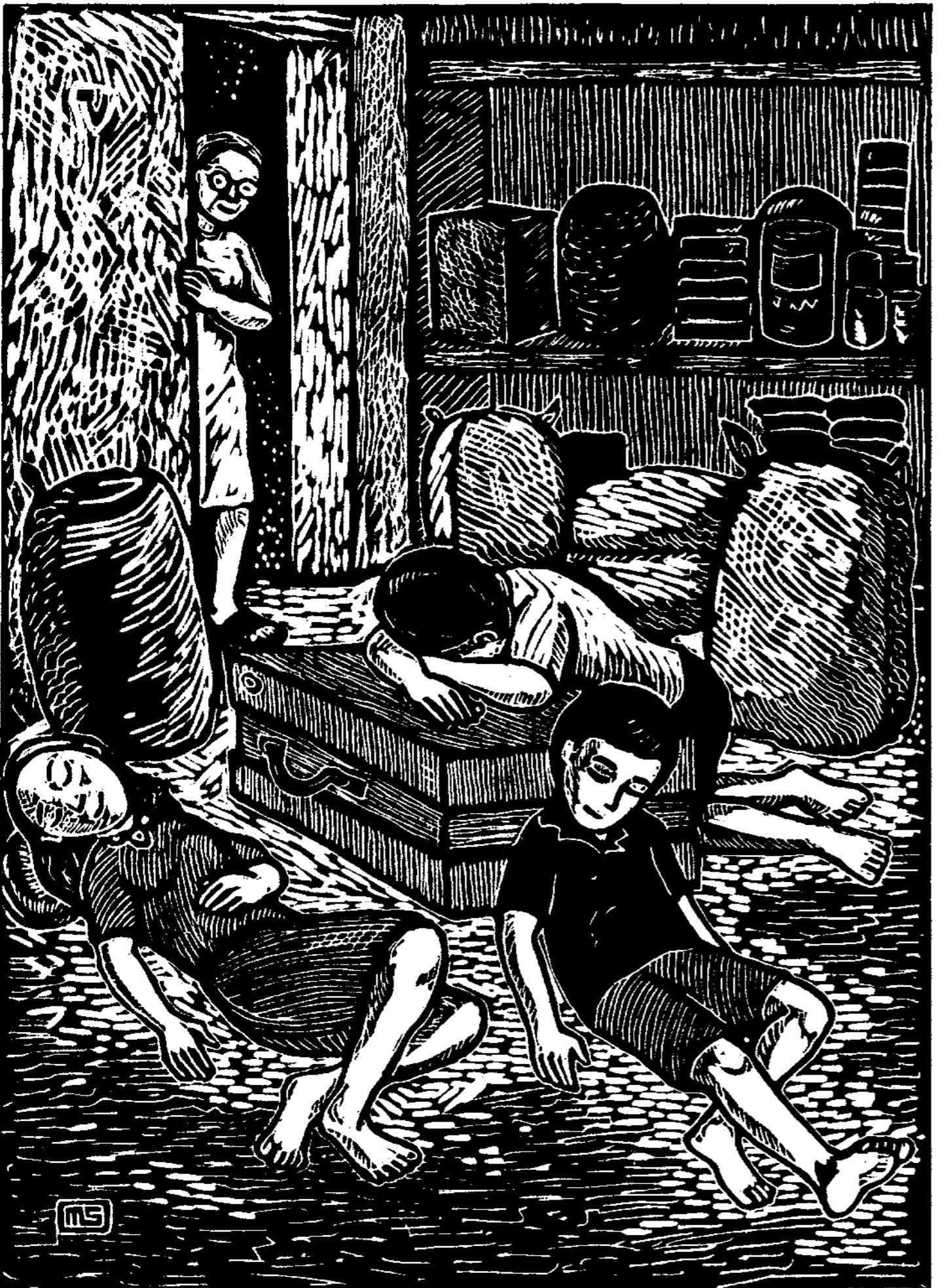
Tem história da Europa,
Tem do Antigo Oriente,
Do continente africano —
Em todo canto tem gente
Contando e fantasiando
De maneira diferente.

Também história engraçada
Do homem que pôs um ovo
Causos sobrenaturais
Correm na boca do povo
Nos folhetos de cordel
Há sempre algo bom e novo.

Os cordéis também serviam
De modo fenomenal
Para informar ao povo
Quando não tinha jornal
Sobre crimes e tragédias
Do sertão à capital.

Depois de tanta aventura
O Pavão anunciou:
— Já é hora de voltar;
O dia já acabou! —
Voou ligeiro nos ares
E no armazém pousou.





As crianças bem felizes
Falavam sobre a jornada
E o Pavão voltou à forma
De uma caixa empoeirada
Do mesmo jeito em que fora
No armazém encontrada.

E lá longe, na fazenda
De Ouro Preto chamada,
Vó Alzira, bem aflita,
Procurava a netarada:
Encontrou-os no armazém,
Numa pose inesperada.

Miguel, Kalil e Maria
Dormiam sobre um caixão
De madeira, empoeirado,
Escondido no fundão.
Nenhum adulto deu conta
Do referido botão.

No outro dia acordaram
E relembraram outra vez
Da aventura vivida
Mas fora um sonho talvez.
Esse segredo seria
Bem guardado pelos três.





KLEVISSON VIANA • Autor

Nasci numa família típica do sertão nordestino, em um lugarzinho encravado entre os municípios de Quixeramobim e Canindé na região central do Estado do Ceará.

Tudo seria exatamente igual se meu pai não tivesse uma mania que o diferenciava de todos os matutos ali do entorno da casinha onde morávamos: gostava de ler. Era aficionado pelos livros. Quando chegava do roçado, deitava-se numa espreguiçadeira e lia para gente, em especial literatura de cordel. Cresci embalado pelos versos de Alberto Porfírio, Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Rezende e querendo ser poeta, ilustrador e autor de livros para também viajar nas asas do Pavão Misterioso!!! Hoje, com centenas de obras publicadas, creio que atingi meu objetivo, ganhei prêmios importantes, mas nenhum se compara à felicidade de ver os meus livros, textos e desenhos nas mãos de crianças e adultos de todo o Brasil e várias partes do mundo.



ARLENE HOLANDA • Autora

Nasci em Limoeiro do Norte, no Ceará. Convivi durante minha infância com o universo mágico do cordel. As histórias do Pavão e de Juvenal eram minhas preferidas. A curiosidade e o gosto por histórias me fizeram escolher o curso de História. Especializei-me também em Artes Visuais. Escrevo em variados gêneros e estilos literários. Tenho cerca de 50 livros publicados, entre literatura (adulto, infantil e juvenil), didáticos e obras complementares, tendo milhares de exemplares em escolas de todo o Brasil, por terem sido adquiridos por programas do MEC e de outros órgãos governamentais ou adotados por escolas da rede privada.



MAÉRCIO SIQUEIRA • Ilustrador

Nasci em Santana do Cariri, Ceará, em 21/11/1977. Moro em Crato-CE desde os cinco anos. No Curso de Letras, em 1999, conheci o maravilhoso mundo da literatura de cordel, e passei a escrever alguns folhetos, vindo a ser membro da Academia dos Cordelistas do Crato. Nessa mesma época aprendi a fazer xilogravura, essa importante arte plástica nordestina e universal. Tive a honra de ilustrar muitas capas de cordel e vários livros, como este incrível trabalho de Klévisson Viana e Arlene Holanda.